

ANÚNCIOS DE INVESTIMENTOS

De acordo com os dados de anúncios de investimentos coletados pela Rede Nacional de Informações sobre o Investimento (RENAI), do MDIC¹, verifica-se significativa retomada das expectativas de investimentos no Brasil desde o 2º semestre de 2009, após forte retração sofrida no 2º semestre de 2008 e no 1º semestre de 2009.

Há forte crescimento do valor acumulado em 12 meses dos anúncios de investimentos a partir de 2007, acompanhando o ciclo de investimentos fixos no país². Com a crise, após setembro de 2008, há reversão das expectativas e da disposição para investir. Entretanto, desde meados de 2009, a retomada dos anúncios ensejou a elevação do índice acumulado em 12 meses, o qual já supera os níveis recordes de 2008 (US\$280,8 bilhões em setembro) e alcança patamar em torno de US\$310,0 bilhões desde março de 2010.

Com base em indicador construído pela Assessoria, percebe-se também melhora no clima de investimentos presente na economia brasileira. Foi desenvolvido índice³ composto que avalia, semestralmente, o número total de anúncios, o valor total anunciado e a desconcentração⁴ dos anúncios.

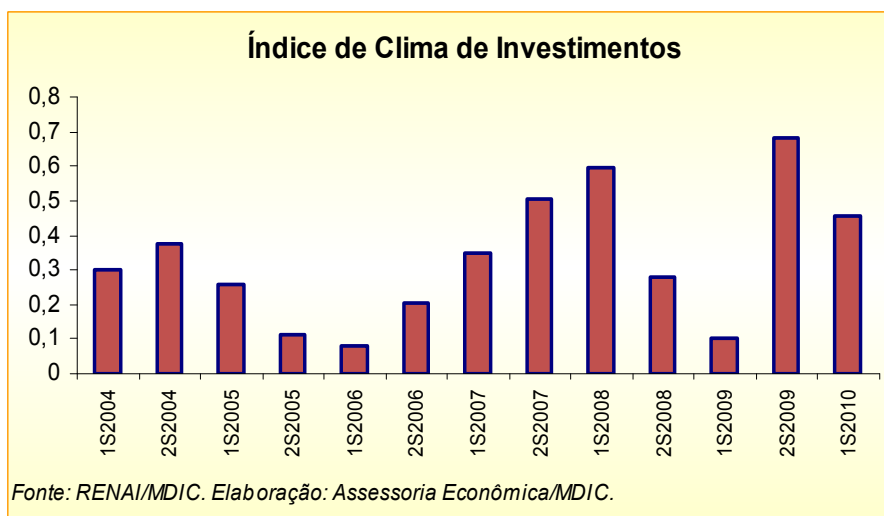
Em razão do aumento no valor total e no número e desconcentração dos anúncios, verifica-se crescimento forte (de mais de cinco vezes) no clima de investimentos no segundo semestre de 2009, frente ao primeiro semestre deste ano, alcançando-se nível maior do que o recorde anterior, no 1º semestre de 2008. O 1º semestre de 2010, por seu turno, mostra declínio frente ao semestre anterior, havendo alta no número de anúncios, mas queda no valor e na desconcentração, embora este semestre supere significativamente (em mais de três vezes) o patamar do mesmo período de 2009 e se encontre entre os maiores níveis da série histórica.

¹ Os dados revisados até o 1º semestre de 2010 estão disponíveis em: www.mdic.gov.br/renai.

² Sobre a evolução da Formação Bruta de Capital Fixo no país, ver, por exemplo, a edição 64, de dezembro de 2010, do PAINEL da economia brasileira.

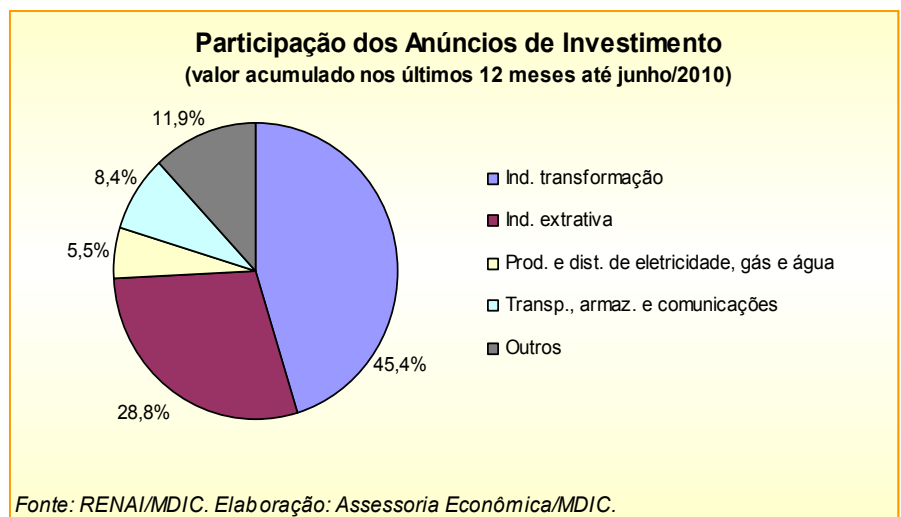
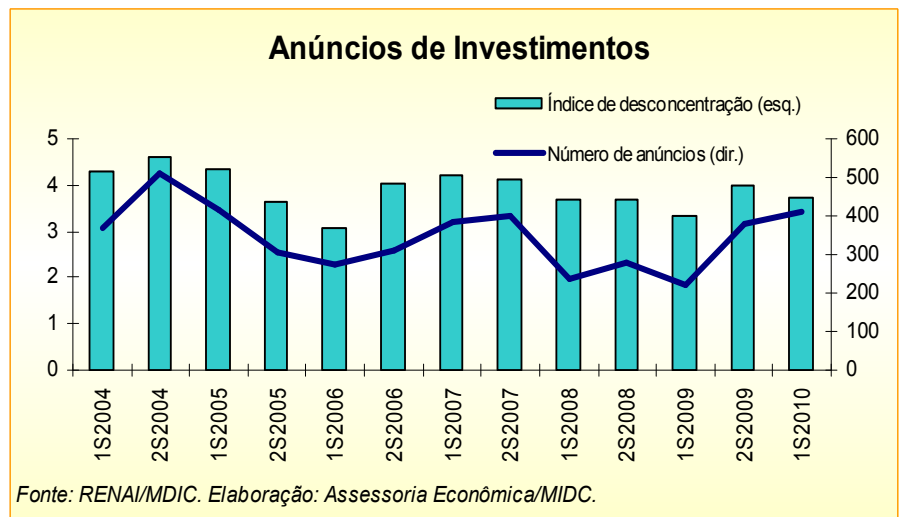
³ O Índice de anúncios de investimentos é a média ponderada entre o número total de anúncios (peso 2), valor total anunciado (peso 5) e o índice de desconcentração dos anúncios (peso 3), considerando os dados padronizados entre zero e um. O valor total anunciado, por ser medido em dólares, foi deflacionado pelo IPC dos Estados Unidos. No PAINEL número 12, de agosto de 2008, foi desenvolvido índice semelhante, que mostra, até o primeiro semestre de 2008, trajetória parecida ao índice ora utilizado.

⁴ A desconcentração é medida por meio do Índice de Entropia, que apresenta a seguinte especificação: $\sum s_i \ln \frac{1}{s_i}$, em que s_i é a participação percentual do anúncio i no valor total e \ln é o logaritmo natural.



Os setores⁵ que apresentam maior peso na composição dos anúncios de investimento são, tradicionalmente, as Indústrias de transformação, as Indústrias extrativas, a Produção e distribuição de eletricidade, gás e água e o Transporte, armazenagem e comunicações. No acumulado de 12 meses que compreende o 2º semestre de 2009 e o 1º semestre de 2010, esses setores foram os maiores e compuseram 88,1% do total, principalmente por causa das Indústrias de Transformação (45,4%) e Extrativa (28,8%).

Os seis maiores subsetores estão associados diretamente aos setores mais representativos. A participação do ramo de Extração de petróleo e serviços correlatos no valor total dos anúncios (24,61%) foi a maior entre os subsetores e correspondeu à maioria dos anúncios nas Indústrias extrativas. Em seguida, associado a este ramo, que tende a crescer com a exploração do petróleo do pré-sal, encontra-se o maior subsetor das Indústrias de transformação, o ramo de Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool (14,3%). Na Indústria de transformação, também se destacam Metalurgia básica (8,0%) e Fabricação de celulose, papel e produtos de papel (5,4%). Correio e telecomunicações (6,0%), por seu turno, foi o maior ramo em Transporte, armazenagem e comunicações, enquanto Eletricidade, gás e água quente (5,5%) representou praticamente o total do setor de Produção e distribuição de eletricidade, gás e água.

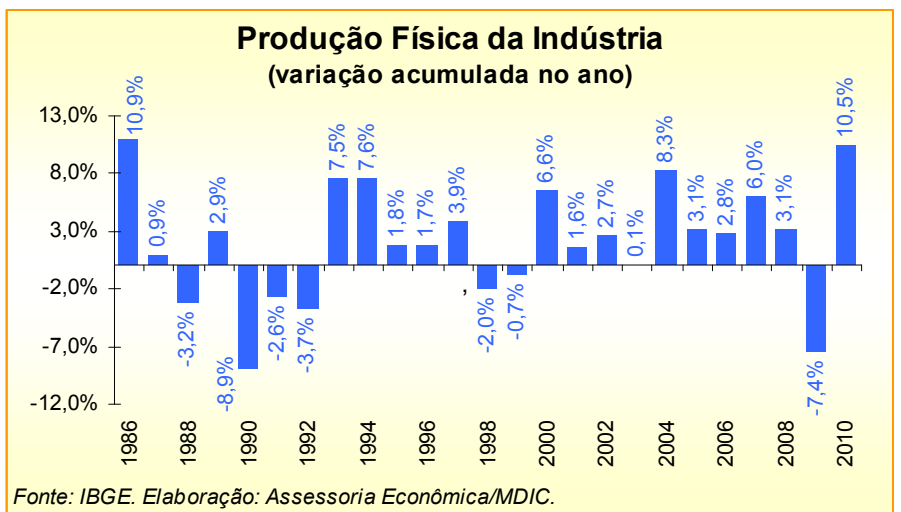


PRODUÇÃO E EMPREGO NA INDÚSTRIA

Produção industrial

Conforme a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, do IBGE, a produção industrial, embora tenha recuado 0,7% em dezembro frente a novembro, na série dessazonalizada, registrou crescimento anual de 10,5%, o maior desde 1986 (10,9%).

O crescimento de 2010 mais do que compensou a queda em 2009 (-7,4%). Ainda assim, nota-se que em 2010, à medida que a base de comparação baixa de 2009 ia ficando para trás, houve desaceleração do ritmo de alta anual da indústria, sobretudo no 2º semestre.



⁵ Os setores e subsetores correspondem, respectivamente, às seções e divisões da classificação CNAE 1.0.

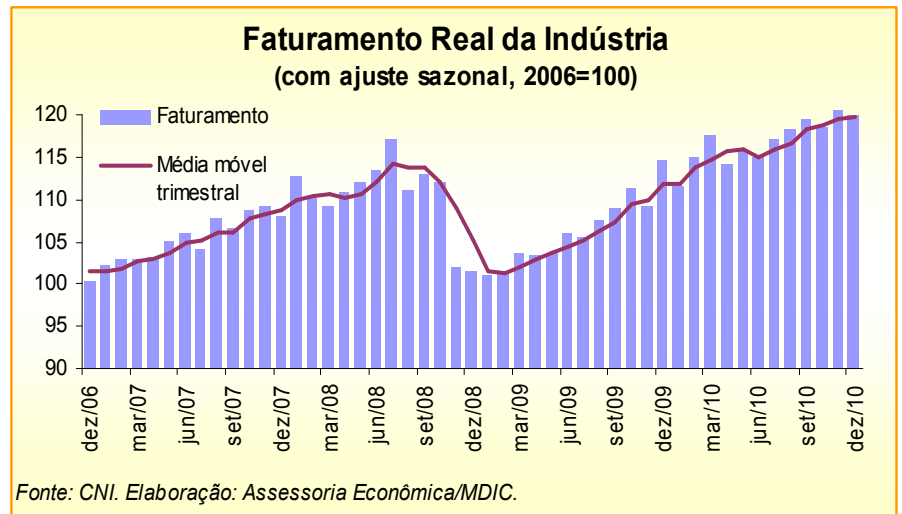
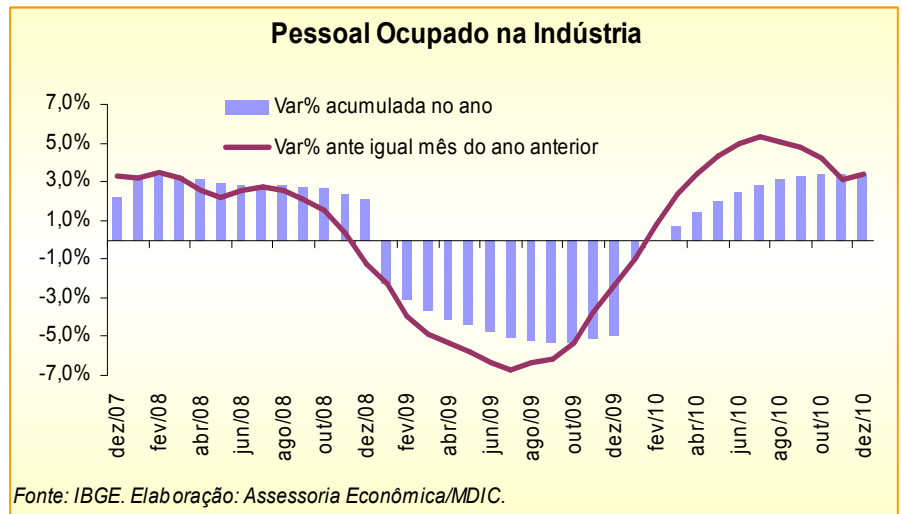
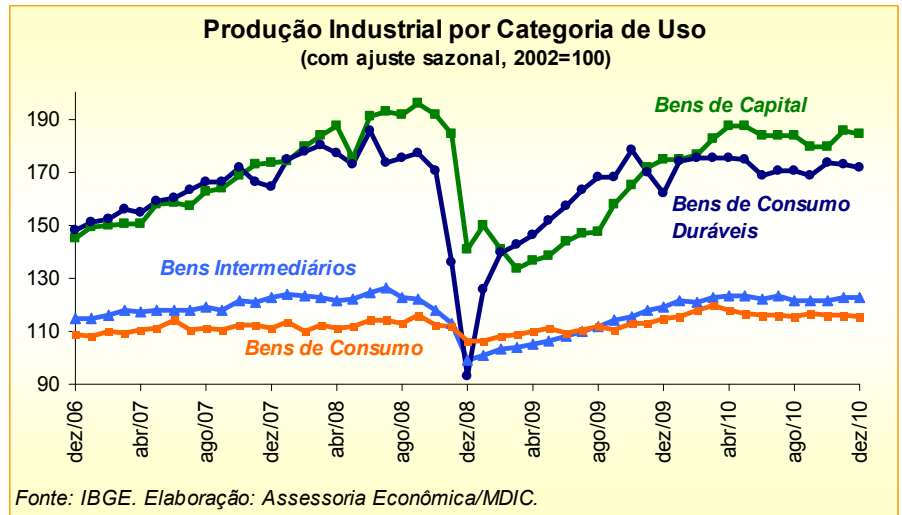
No acumulado de 2010, foi registrado crescimento em todas as categorias de uso. Verifica-se expansão mais forte em bens de capital (20,8%), com a retomada dos investimentos e da confiança, sendo seguida por bens intermediários (11,4%). Os bens de consumo duráveis (10,3%), impulsionados pelo avanço da demanda, do crédito e da renda, ficaram próximos da média geral, enquanto os bens de consumo semi e não duráveis (5,2%) mostraram crescimento moderado.

Setorialmente, 25 dos 27 ramos industriais tiveram resultado positivo no acumulado do ano passado. As influências mais expressivas sobre a média global vieram de veículos automotores (24,2%) e de máquinas e equipamentos (24,3%). Na sequência, foram importantes os ramos de metalurgia básica (17,4%), indústrias extrativas (13,4%), outros produtos químicos (10,2%) e produtos de metal (23,4%). Houve baixa significativa apenas em produtos do fumo (-8,0%).

Emprego e Indicadores Industriais

Segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário, do IBGE, o pessoal ocupado na indústria mostrou expansão de 3,4% em 2010, a mais alta da série histórica, e reverteu parte da queda (-5,0%) assinalada em 2009. Na comparação mensal, pelos dados dessazonalizados, houve leve recuo do emprego industrial (-0,1%) frente a novembro, seguindo a acomodação geral verificada na indústria nos últimos seis meses.

Em 2010, ocorreu alta em 13 dos 18 setores, sobressaindo os impactos vindos de máquinas e equipamentos (7,3%), produtos de metal (7,0%), meios de transporte (5,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,2%), calçados e couro (5,7%), têxtil (6,4%), alimentos e bebidas (1,5%) e metalurgia básica (7,7%). Vestuário (-2,1%) e madeira (-5,8%) registraram as principais pressões negativas.



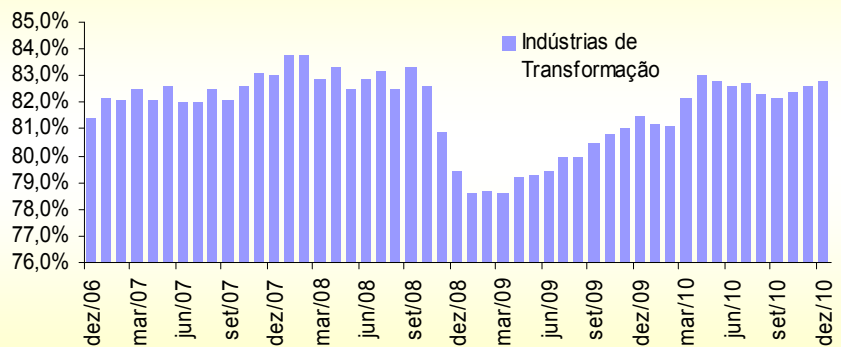
Os Indicadores industriais da CNI mostram aspectos importantes da evolução recente da indústria. A Utilização da Capacidade Instalada vem mantendo-se em torno de 82,5% desde abril, apesar de sinalizar sequência de leves altas a partir de outubro. Nota-se também que o faturamento real médio da indústria, embora mostrando oscilações, cresceu 9,9% na média de 2010, frente a 2009, e alcançou o maior nível da série histórica, iniciada em 2005.

Pelos dados do IBGE, estima-se que a produtividade da indústria cresceu 6,2% em 2010, mais do que compensando a queda (-2,2%) de 2009, por causa do ajustamento resultante da alta da produção (10,5%) acima do aumento nas horas pagas (4,1%).

O ritmo de alta da produtividade geral foi perdendo fôlego ao longo de 2010, conforme a base baixa de 2009 ia ficando para trás, mas foi verificada elevação da produtividade em todos os setores, com diversas altas superando o resultado de 2009, como as da indústria extrativa (7,5%), de madeira (7,0%), de meios de transporte (6,9%) e de produtos de metal (6,7%).

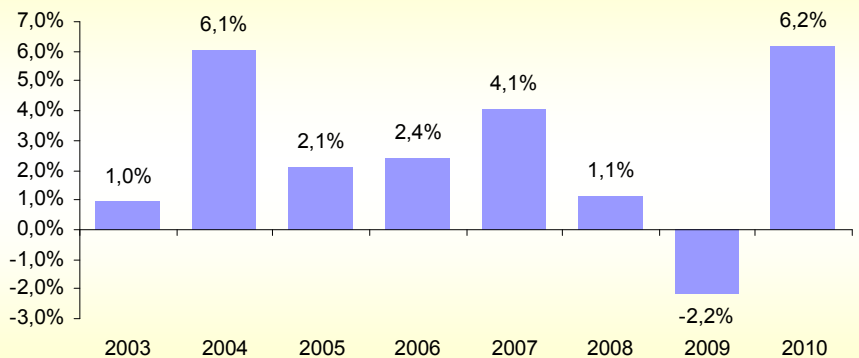
Entretanto, alguns setores em 2010 ainda não compensaram as perdas de produtividade de 2009, entre os quais máquinas e equipamentos (7,1%, ante -8,8%), máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e comunicações (6,7%, ante -15,0%) e metalurgia básica (6,2% em 2010, ante -8,8% em 2009).

Utilização da Capacidade Instalada (percentual médio, com ajuste sazonal)



Fonte: CNI. Elaboração: Assessoria Econômica/MDIC.

Produtividade da Indústria Geral (variação %)



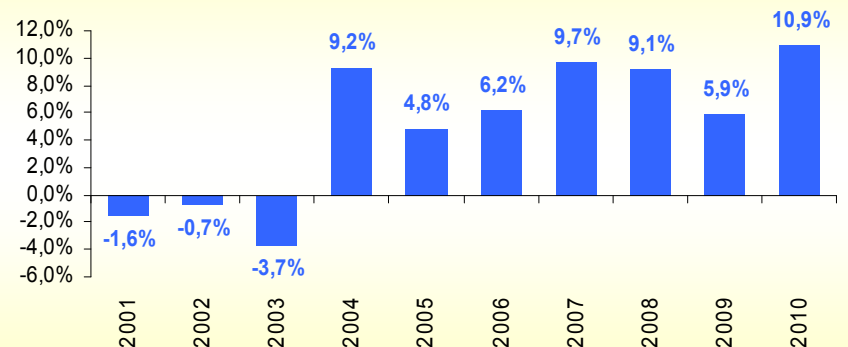
Fonte: IBGE. Elaboração: Assessoria Econômica/MDIC.

VENDAS NO COMÉRCIO

De acordo com Pesquisa Mensal de Comércio, divulgada pelo IBGE, o volume de vendas do comércio varejista do país, apesar da desaceleração em dezembro, apresentou variação de 10,9% no fechamento de 2010, o melhor resultado da série histórica, iniciada em 2001.

O volume de vendas manteve-se estável em dezembro frente a novembro, após 7 meses de expansão, na série com ajuste sazonal. A receita nominal de vendas, entretanto, cresceu 1,0% nessa comparação, completando 12 meses consecutivos de alta e acumulando avanço de 14,5% em 2010.

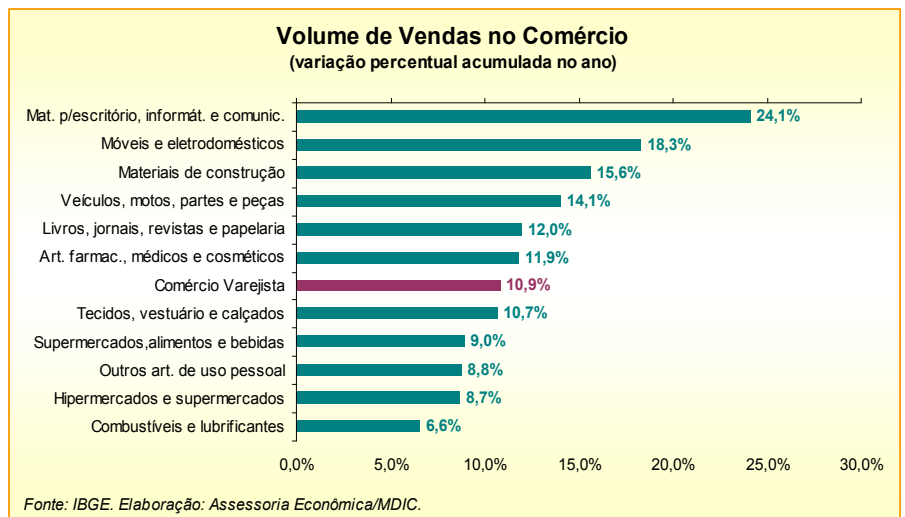
Volume de Vendas no Comércio Varejista (variação anual)



Fonte: IBGE. Elaboração: Assessoria Econômica/MDIC.

Embora dezembro mostre acomodação do nível de vendas no varejo frente a novembro, principalmente pela queda branda (-0,3%) no segmento de supermercados, alimentos e bebidas, as taxas de variação anuais não mostram sinal de desaceleração acentuada.

Todos os segmentos do comércio apresentaram expansão do volume de vendas no acumulado de 2010. As maiores contribuições por segmento foram em Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (expansão de 9,0%, que respondeu por 39,9% da taxa global). Esse ramo foi seguido por Móveis e eletrodomésticos (com alta de 18,3% e 27% da taxa global), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (8,8% de alta e 7,4% da taxa global) e Tecidos, vestuário e calçados (10,7% de alta e 7,4% da taxa global).



INFLAÇÃO

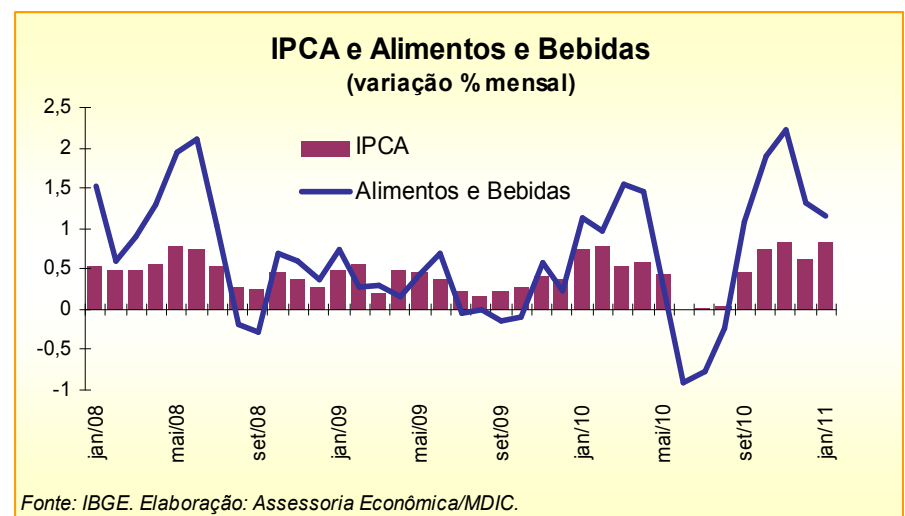
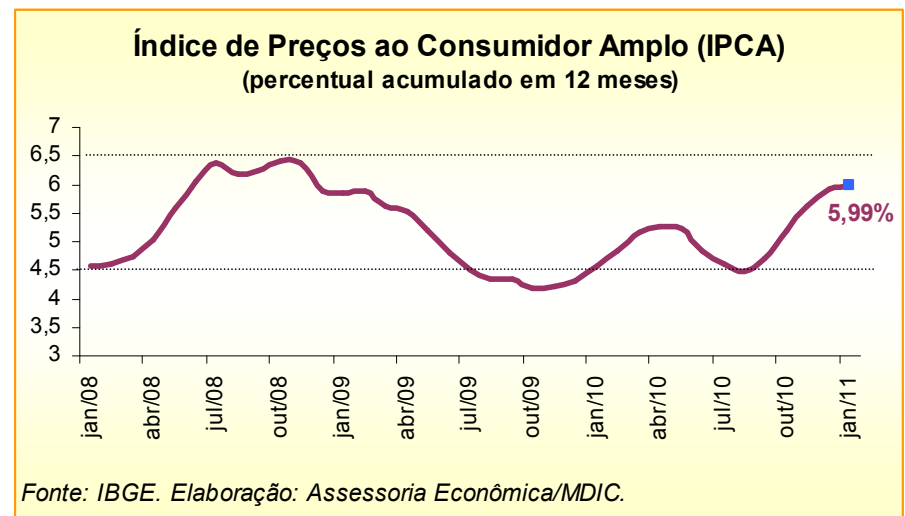
O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo IBGE, teve significativa variação de 0,83% em janeiro de 2011, acima dos 0,63% de dezembro.

A inflação acumulada em 12 meses apresentou leve aumento, atingindo 5,99% ante 5,91% em dezembro. Mesmo com a maior taxa mensal para o IPCA desde abril de 2005 (0,87%), o índice acumulado em 12 meses mostrou a menor alta (de 0,08 pontos percentuais) desde setembro de 2010, o que mostra certa acomodação, porém em nível elevado.

Os principais responsáveis pelo resultado de janeiro, contribuindo com 67,4% do IPCA total, foram os grupos alimentação e bebidas (32,5%) e transportes (34,9%). O grupo transportes responde a aumento pontual nas tarifas de ônibus urbanos. Este item, sozinho, contribuiu com 19,5% do IPCA, mas não deve sofrer aumentos continuados ao longo do ano.

Os alimentos, entretanto, permanecem pressionando os preços, não só no Brasil como também no mundo. Essa alta é demonstrada pelo índice mundial de preços de alimentos da FAO, que atingiu, em janeiro, o maior nível da série histórica, iniciada em 1990.

O IPCA de fevereiro e março deve vir ainda elevado pelos efeitos sazonais de aumento de



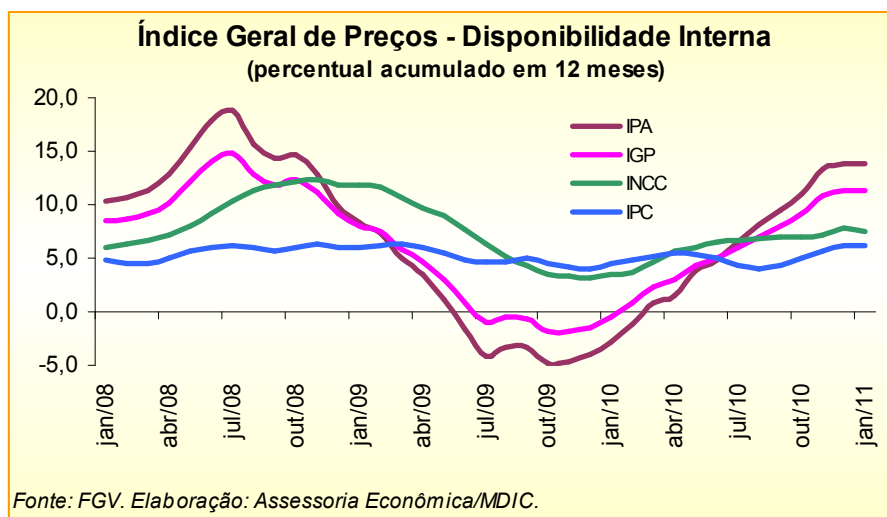
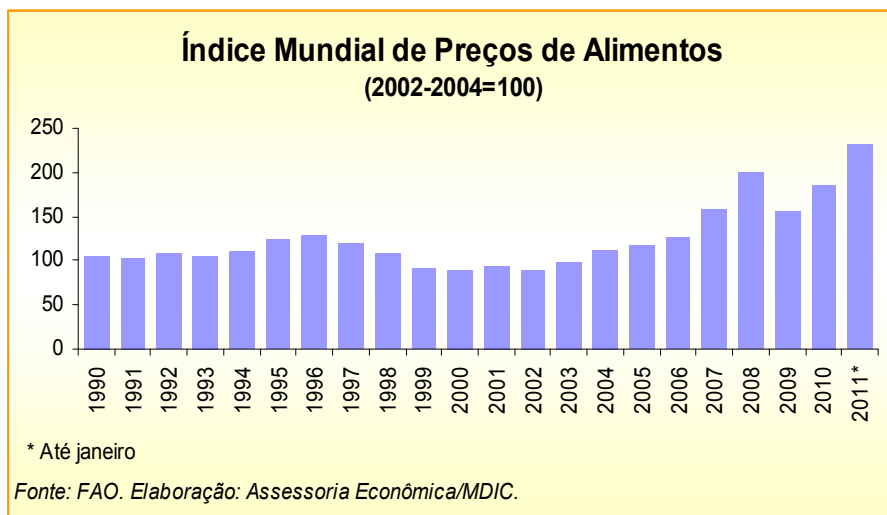
mensalidades e material escolar e ainda pode ser afetado pelo efeito defasado da aceleração dos custos das *commodities*.

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), divulgado pela FGV, variou 0,98% em janeiro e também acelerou frente a dezembro (0,38%), embora mostre acomodação de fato no acumulado de 12 meses (11,27%), ficando 0,03 p.p. menor do que dezembro.

O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), principal componente do IGP-DI, registrou variação de 0,96% (ante 0,21% em dezembro), puxada pela alta nos produtos agropecuários (1,90%, ante 0,18%), por origem, e nas matérias-primas brutas (2,46%, ante 0,74%), por estágio da produção.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) teve alta de 1,27% (ante 0,72% em dezembro), por causa das despesas em Educação, Leitura e Recreação (4,01%, ante 0,37%), Transportes (2,69%, ante 0,59%) e Alimentação (1,36%, mas um pouco menor do que os 1,43% de dezembro).

Apesar da aceleração mensal em janeiro, os indicadores acumulados em 12 meses do IPA (13,85%) e do IPC (6,21%) mantiveram-se no patamar de dezembro (com leve queda de 0,03 p.p. no caso do IPC). Já o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) mostrou variação de 0,41%, abaixo do mês anterior (0,67%), e observou queda no acumulado de 12 meses.



SÍNTESE DOS PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS DA QUINZENA

Principais indicadores da quinzena	Variação (%)			
	Mês / mês anterior	Mês / mesmo mês do ano anterior	Acumulado no ano / acumulado no ano anterior	Acumulado em 12 meses
Produção industrial – indústria geral (dezembro)	-0,7*	2,7	10,4	10,4
Bens de capital	-0,5*	6,2	20,8	20,8
Bens intermediários	0,0*	2,7	11,4	11,4
Bens de consumo duráveis	-0,5*	6,0	10,3	10,3
Horas pagas (dezembro)	0,4*	3,6	4,2	4,2
Produtividade (dezembro)	-1,1*	-0,9	6,0	6,0
Produção de autoveículos – ANFAVEA (janeiro)	-9,1	6,4	6,4	13,0
IPCA (janeiro)	0,83	-	0,83	5,99
IPA – DI (janeiro)	0,96	-	0,96	13,85

* Dados com ajuste sazonal.

Fonte: IBGE, FGV, ANFAVEA. Elaboração: Assessoria Econômica/MDIC.